

# A LUTA DE CLASSE

ORGÃO DA LIGA COMUNISTA (SEÇÃO BRASILEIRA DA OPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ESQUERDA)

S. PAULO, JANEIRO DE 1933

NUMERO 9 - ANO III

## 15 ANOS

A Revolução de Outubro está a completar o seu décimo quinto aniversário. Esta simples ulgarismo testemunha ao mundo inteiro a força gigantesca que existe no Estado proletário isolado. Ninguém, mesmo os mais otimista dentre nós, tinha previsto tal vitalidade. E isso não é de admirar: o otimismo de tal previsão acerca de um Estado proletário isolado teria encorajado em si o pessimismo a respeito da revolução internacional.

Os chefes e as massas, na subversão de outubro, não vieram senão a primeira etapa da revolução mundial. Em 1917, ninguém defendeu ou levantou, ou formulou sequer, a ideia da edificação independente do socialismo na Rússia isolada. Nos anos seguintes também, a edificação económica foi concebida pelo conjunto do Partido, sem excepção, com a infra-estrutura de uma base material sob a diadema do proletariado, como a preservação da ligação económica (smyschka) entre a cidade e o campo, enfim, como a criação de pontos de apoio para a futura sociedade socialista que só poderá ser construída numa base internacional.

O caminho da revolução mundial mostrou-se desmesuradamente mais sinuoso e mais longo do que ínhamos esperado 15 anos antes. As dificuldades exteriores, entre as quais se mostrou a mais importante o papel histórico do reformismo, juntaram-se as internas, antes de tudo a política, falsa no fundo e fatal nas consequências, dos epígonos do bolchevismo. A burocracia do primeiro Estado operário faz tudo que ha de de esivo — inconscientemente, mas isso não é atenuante — para impedir o nascimento de um segundo Estado operário. E' necessário desatar ou romper os nós burocráticos, para dar uma saída à revolução.

Se os prazos do desenvolvimento ultrapassaram os quadros das perspectivas esboçadas por nós, todavia apreciamos com exatidão as forças e as leis matrizes fundamentais. Isso dá-nos de modo tão completo com referência ao problema do desenvolvimento económico da União Soviética. As forças produtivas modernas não se deixam enfiar nos quadros nacionais por nenhuma revolução ou notum exorcismo. A autarquia é ideal de Hitler, e não de Marx nem de Lenin. Socialismo e emparedamento nacional excluem-se, um ao outro. Hoje, com ha quinze anos, o programa de uma sociedade socialista num país só é utópico e reacionário.

Os sucessos económicos da União Soviética são muito grandes. Mas precisamente no 15.º aniversário, as contradições e as dificuldades são de uma amplitude ameaçadora. Através, rupturas, desproporções revelam em primeiro lugar, uma falsa direcção. Mas não é só isso. Lembrem, além disso, que a edificação de uma sociedade humana só é possível por uma expe-

riencia ininterrupta, no curso de décadas e exclusivamente na base internacional. Os obstáculos técnicos e culturais, a ruptura entre a cidade e o campo, as dificuldades da importação e da exportação — tudo prova que Outubro exige a sua continuação internacional. O internacionalismo não é uma convenção ritual mas uma questão de vida ou de morte.

Não faltarão discursos e arti-

gos jubilares. A maior parte deles provirá daqueles que foram em Outubro adversários intransigentes da insurreição proletária. Nós, bolcheviques-leninistas, seremos chamados de "contra-revolucionários" por esses senhores. Não é a primeira vez que a historia se permite tais brincadeiras e nós não nos queixaremos delas por isso. Mesmo confusos lentamente, ela não deixa de fazer o seu trabalho.

E nós também faremos o nosso!

L. TROTSKY

Prinkipo, 13 de Outubro de 1932.

## Da Demagogia á realidade tenentista

Derrotada pelas armas, a grande burguezia paulista, os velhos partidos nacionais, essas variedades estaduais de pp. vr. e pp. dd., foram queimados na fogueira da guerra civil.

Sob a égida destes acontecimentos, o campo vencedor não resiste ás proprias consequências da vitória e começa a desagregar-se. A logica da luta é mais forte do que o proprio confusionalismo dos vencedores. As divergencias de interesses em jogo, as diferenças sociais, a pressão imperialista rompem contra a vontade dos proprios chefes vitoriosos a unanimidade superficial reinante, a indiferenciação da primeira fase do movimento outubroista, obrigando os individuos a se separarem em grupos, para ficar representando interesses sociais bem definidos. A luta, meramente política, no seu inicio, superficialmente delimitada no plano da superestrutura, tende agora a descer as profundezas da infra-estrutura social, onde se travam os problemas decisivos da luta entre as classes.

De agora por diante, a agravação das competições políticas não ficará mais limitada, dentro do circulo oligarquico situacionista, criado pelo proprio movimento de outubro e interessando apenas os seus usufrutuários. Com o levante constitucionalista, novas camadas sociais até então extranhas á politica foram arrastadas á luta. Parte da pequena burguezia urbana e grande parte da burguezia do interior, semi-urbana e semi-agraria, tomaram parte pela primeira vez numa campanha politica sob uma bandeira precisa. Foi uma nova etapa da luta que se abriu.

Pela prolongação e agravação da crise económica mundial e nacional, o processo politico iniciado em outubro de 1930 tende a tomar um caracter "maligno" social pronunciado, ameaçando arrebatá-los aos seus usufrutuários e domínio e a direcção do movimento. Examinemos as novas tendencias que surgem, os estandartes e os uniformes sendo novos, pelo menos pintados de novo em cores

berrantes. Com um espirito quasi carnavalesco, em meio ás diversas facções partidárias dominantes, analisemos os fundamentos de classes, as bases sociais que estão por baixo.

O velho movimento político gaúcho trouxe um novo reagrupamento social á cena, saído dos dois partidos vencidos e girando em torno da mesa governamental, sob o rótulo batido de partido republicano liberal, que representa sobretudo parte da burguezia gaúcha industrial, com interesses muito presos ao governo (indústrias de monopólio, fornecedores, etc.) e que precisa continuar a monopolisar o hoto da massoca de outubro ameaçada pela voracidade concorrente de S. Paulo, Minas e "tenentes".

Os tenentes vêm-se agora obrigados a se arregimentar em partido, coisa que no seu simplismo politico, antes combatiam. A vitória sobre os velhos politicos chamados "profissionais" lhes trouxe, novas esperanças de agarrar para si nacional. Em face da fraqueza a direcção da politica burguesa da burguezia do norte em representar só por si uma força politica organizada ponderavel, ganharam eles recebendo, pelo menos de parte desta, procuração para representar os seus interesses na esca nacional. Ameaçados de isolamento dentro do campo estreito de interesses puramente corporativos, burocráticos, militares, a logica dos acontecimentos os impeliu a ir buscar apoio nas massas heterogeneas da pequena burguezia. Através da pequena burguezia, os tenentes esperam alcançar o proletariado.

Assim, os tenentes podem ser definidos hoje como uma forma de partido pequena burguesa. Do ponto de vista puramente politico, o nisto consiste a sua força como também a sua fraqueza. Devido á falta de educação politica do proletariado no Brasil, quem tem o apoio da pequena burguezia tem as maiores probabilidades de arrastá-lo ao proletariado. Essa possibilidade

(Continua na 2.ª pagina)

## A Oposição de Esquerda em defesa do Partido

A "Permanente Revolution", o órgão da Oposição de Esquerda, na Alemanha, foi suspensa por 4 semanas, por ter protestado contra o ato do governo, suspendendo o órgão do Partido, a "Rote Fahne". Transcrevemos aqui parte da notificação do chefe de policia proibindo o jornal oposicionista e o artigo, a que esta notificação se refere, causador da violencia policial.

Eis o documento da policia, enviado á redacção da "Permanente Revolution":

Berlim, 20 de Setembro de 1932.

### PROIBIÇÃO

Baseando-me no § 6, alinea I, n.º 2 do decreto do presidente do Reich (da republica), de 14 de Junho de 1932, contra os excessos politicos, suspendo o semanario "Permanente Revolution", impresso em Berlim, devendo essa suspensão entrar em vigor desde hoje até 20 de Outubro, inclusive. Esta prohibição recai tambem sobre qualquer outro impresso pretensamente novo, que objetivamente tenha o aspecto do velho ou que possa ser tomado como o seu substitutivo.

### Motivo:

O numero 23 do semanario "Permanente Revolution" contém um artigo — "Rote Fahne" prohibida; Operarios, protestae unanimes contra este ato infame", que termina com as palavras "Abaixo com um regimen, que precisa de medidas desta ordem para encobrir as suas infamias!" — pesados insultos e intenção de desmoralização contra o governo da republica, no sentido do § 6, n.º 1, Alinea 2.ª do

Como substituto: assinado — von Worder. Pela autenticidade da copia: Helm, escrevente.

O artigo, causador da sanção policial, é o seguinte:

### "ROTE FAHNE" PROIBIDA! DE NOVO POR QUATRO SEMANAS

Trabalhadores, protestaí contra este ato infame! Alguns dias depois de ter reaparecido, a "Rote Fahne" é novamente suspensa. Desta vez por quatro semanas. O prazo de suspensão, mesmo na Alemanha de Papan, é inaudito. A significação desta medida é perfeitamente clara. No momento em que a burguezia alemã se prepara para armar-se, é preciso tapar a boca da unica imprensa que se levanta, sem condições, contra essas medidas imperialistas, da unica que mostra claramente contra quem esses armamentos se destinam, contra o primeiro Estado proletario, contra a União Soviética.

No momento em que o governo de Papan empreende uma ofensiva, de uma violencia ainda não atingida, contra o nível de vida dos operarios alemães, em que, sem cerimoniais despede o parlamento pela segunda vez, com a obediencia tolerante do SPD (social-democracia) e dos Nazistas (fascistas), precisa, ao mesmo tempo, abafar a voz que assim, prega a luta consequente contra a violencia dominante, — a voz do comunismo.

Operarios, esta prohibição toca a vós todos! O que hoje acontece com a imprensa comunista, amanhã acontecerá com a vossa. A prohibição do "Vorwaert" e do "Dachblatzeitung", nas ultimas semanas, são tambem sinais do aviso

Levantai-vos, todos juntos, na defesa de vossos Direitos, de vossas Organizações! Protestai todos contra a suspensão da "Rote Fahne"! Abaixo todas as limitações de liberdade de imprensa! Abaixo um regimen, que precisa de tais medidas para encobrir as suas infamias!

Da "Permanente Revolution", numero 23 — Setembro 1932.

(Continua na 2.ª pagina)

DA DEMOCRACIA A REALIZACAO DE TENENTISMO

(Continuacao da 1.a pagina)

ainda é aumentada pela ausencia de um partido revolucionario proletario capaz de exercer uma influencia politica ponderavel nos acontecimentos...

Mas o tenentismo não é um bloco genérico inabaliavel. Está longe disso. Assenta-se sobre bases contraditórias. Na época imperialista em que o terreno fôge constantemente dos pés da pequena burguesia como avião movelida, seria completamente absurdo contar-se com um movimento pequeno burguês para longas perspectivas...

O partido dos "tenentes" reflete essa dualidade. Por isso mesmo os tenentes sentem que o apoio exclusivo da pequena burguesia urbana das grandes cidades é uma base politica muito duvidosa. Eis porque se lançam com tanta sede a demagogia á conquista das massas do proletariado...

O tenentismo é, porém, um partido "politico" muito especial. Traz alguns traços particulares que convêm sejam examinadas de perto. Primeiro: não deve ser esquecida que o seu núcleo central é constituído por um agrupamento social muito particular? São militares profissionais...

Excluiu assim, por enquanto, a possibilidade da formação de um movimento de massa com caráter fascista, o bloco tenentista fantasmagórico de socialista e de defensor das liberdades democráticas, e está destinado a desagregar-se dissolvendo-se em organizações politicas mais largas e mais "vivas", si, pelo contrario, um novo golpe militar vitorioso não vier ressoldar o bloco, implantando então uma ditadura militar bonapartista aberta.

A perspectiva de um desenvolvimento bonapartista se impõe, dadas as condições atuais das relações entre as classes. A grande burguesia nacional foi derrotada militar e politicamente com a derrota da rebelião...

A criação de um movimento fascista no Brasil ainda se pode considerar como uma perspectiva promatua, devido á ausencia de um movimento proletario organizado capaz de, pela sua direção politica e sua extensão, ameaçar o proprio regimen burguês. As velocidades de um credito como Plinio Salgado ou as basofias de um sargento-bomal da marca de Góes Monteiro, de maequearem Mussolini nessas paragens, ainda não passam de puras expressões de protocoço individual. E' incontestavel, porém, que o sonho de muito "fanatismo" de fazer aqui uma copiazinha exatissima do regimen fascista. A lei de sindicalização, a carteira profissional, a representação por "classes" são as medidas de caracter fascista, e é evidente. Mas essas medidas não são bastantes para a implantação do fascismo no Brasil. São apenas formas "organizacionais", por assim dizer administrativas, do fascismo, "depois" do vitorioso, depois de implantado. A essencia politica do fascismo não está, porém, nessas medidas. Essas formas "institucionais" pseudo-novas que só funcionam no papel, que só existem para uso externo, como justificativa "a posteriori" da pretensa "revolução fascista", não caracterizam por si a função politica do fascismo, a ser-vem apenas para embasbaçar papalvos pequeno-burgueses, com farda ou sem farda, ignorantes das leis da luta de classes e desavocados pela delinqüencia economica e pelas convulsões sociais que não sabem explicar a de que são vítimas.

A essencia do fascismo, a sua função politica é a destruição violenta, extra-legal, fôca dos recursos repressivos e policiaes "normais" do Estado burguês, de democracia proletaria, isto é, da organização do proletariado...

classe, do conjunto de seus membros, de suas associações corporativas, beneficentes, culturais, esportivas, economicas, etc. e de seus partidos politicos de classe, como o partido comunista ou social-democracia, na base em que existe na Europa. Destruição essa que se torna necessaria para a burguesia continuar a se manter no poder. O proletariado do Brasil não chegou ainda, pela sua organização e pelo seu desenvolvimento politico, a ameaçar o regimen capitalista diretamente, como se deu na Italia e como se está dando actualmente na Alemanha.

Excluiu assim, por enquanto, a possibilidade da formação de um movimento de massa com caráter fascista, o bloco tenentista fantasmagórico de socialista e de defensor das liberdades democráticas, e está destinado a desagregar-se dissolvendo-se em organizações politicas mais largas e mais "vivas", si, pelo contrario, um novo golpe militar vitorioso não vier ressoldar o bloco, implantando então uma ditadura militar bonapartista aberta.

A perspectiva de um desenvolvimento bonapartista se impõe, dadas as condições atuais das relações entre as classes. A grande burguesia nacional foi derrotada militar e politicamente com a derrota da rebelião...

Os stalinistas organizaram uma sucursal da Havas

Nossos tristes "lumpen-burocratas" acham de se lançar a um novo e vergonhoso empreendimento: divulgar as entrevistas "de Trotsky" manipuladas pelos redatores de uma agência telegrafica do imperialismo francês. Os stalinistas astuciosamente a vontade irremediavelmente de tomar a direção da U. T. G. das mãos dos proletários que a mantêm fieme em seus punhos: eis porque o n.º 1 do seu órgão sindical "O Gráfico", é quase que exclusivamente consagrado ao combate ao "trotskismo". Desloca-se, entre as suas furiosas arremetidas, um artigo sob o título: "Mister Trotsky a serviço da burguezia".

Nada do original nesse guisa-do de safadiza e de burrice. Todos os jornais burguezes do Brasil divulgaram os telegramas da Havas. Os Stalinistas chegaram muito tarde: não fizeram senão vir a rebuque da burguezia, arrastando os seus passos tardos de lacaios do imperialismo francês.

Mas a sucursal stalinista da Havas não se compraz em remeditar as falsificações da reação, como faz Radek, na "Pravda", com um artigo imoral atribuído a Trotsky por um órgão ultra-reacionario da imprensa polaca. Os nossos burocratas, não passando de uma caricatura dos seus conselheiros europeus, vão além: confirmam as infamias e ainda as "enriquecem" com os seus estapafúrdios comentários.

Essa confraria de burocratas irresponsaveis procura transformar a massa do Partido numa tuela perigosa de iluminados e de fanáticos, não é capaz de outras tarefas. Quando a situação internacional, em cujo centro se encontra o glorioso proletariado alemão, exige de todos os militantes revolucionarios o maximo de atenção para os problemas que se apresentam, a stalinista não sabe contribuir para esclarecer cada vez mais o movimento operario, deixando em 1934, em qualis e em qualis, a seguir de estúpido o desenvolvimento da...

pacifista. A pequena burguesia menos do que em qualquer outra parte, não tem possibilidade de criar um movimento politico independente, capaz de assegurar-lhe um prebomnio politico mais demorado no país. O proletariado, no estado rudimentar da organização em que se encontra, sem a menor acção politica, desorientado em vez de ser orientado pela sua vanguarda, hipnotizada por uma casta de aventureiros e oportunistas burocratizados, não atia como devia sobre os acontecimentos politicos, vivendo como que á margem da historia politica dos nossos dias. São condições essas que tornam possível a instauração do bonapartismo, em todo o seu cortejo de miséria e corrupção.

E' contra essa perspectiva que os comunistas precisam correr fileiras. A vanguarda revolucionaria do proletariado cumpre mobilizar as massas trabalhadoras numa campanha decisiva pelos seus interesses economicos imediatos, ligando-os a uma reivindicação politica mais geral, em nome da democracia proletaria. Só assim poderemos evitar que o operariado seja arrastado pela frenética demagogia tenentista, só assim poderemos, provocando a cisão no campo pequeno-burguês, deslocar grande parte das massas pequeno-burguezas para o nosso lado.

podridão anarquista. Quando, nacionalmente, o Ministerio do Trabalho, com a sua demagogia, com as suas manobras, com os seus mil e um processos de faptação, procura arrastar a massa trabalhadora á cauda do Governo Provisório, os stalinistas só sabem abrir a boca para vomitar veneno contra os militantes proletários que não rezam pelo catecismo social-patriota do seu Sumo Pontífice. Quando, finalmente, assistimos á confusão reinante no seio do proletariado, cujo estado de desorganização e de miséria económica e ideologica não é senão o resultado dos crimes de sua vanguarda, o que vemos no campo stalinista é, não um trabalho tenaz de esclarecimento e de concentração das forças dispersas, mas justamente o avesso: o incentivo ao confusionalismo, o despedaçamento sistemático da classe operária, a sua redução á impotência, ao marasmo.

Em nada se diferenciam os social-patriotas do hoje (socialismo num só país), que se levantam contra "Mister" Trotsky, dos social-patriotas que em 1917 acusavam "Herr" Lenine de estar a serviço dos Hohenzollern. E' natural que á aproximação crescente de duas teorias, ameaçando fundir-se numa só de um momento para outro, corresponda sempre a identificação dos métodos empregados na prática. Não se podia esperar outra coisa do cérebro de Stalin. Não é a pátria socialista, não é a URSS, não é a cidadela mais fortificada do proletariado internacional, não são os interesses do sector vilipendio da Revolução Proletaria que assim o exigem, mas, ao contrario, são os interesses do "socialismo num só país", da "nãa Rússia", da pátria amada de Stalin, da pátria extermineada dos fernandinhos de Inceorda, na pessoa de sua casta de burocratas sugadores.

Ainda agora, sai da Espanha um livro onde Lenine aparece como "falsificador e ladrão". Editado pela "Dédalo", a sua autoria é atribuída a Trotsky. E' singular coincidência: a "Dédalo" é uma estúpida publicação...

pelos stalinistas espanhóis. Há motivos numerosos para nos fazer pensar que se trate de uma publicação "ofensiva". De outra forma, como se explicaria um interesse tão particular da classe dominante em jogar Trotsky contra Lenine? Não é precisamente isto o que tentam fazer a ainda passo os representantes do comunismo oficial? E' compreensível, por exemplo, que a burguesia falsifique Trotsky para combater a URSS, pois a situação especial dessa camarada, perseguido pelo governo soviético, pode servir para dar maior apparencia de verdade ás falsificações. Foi o que aconteceu há pouco, entre nós, com a edição da plataforma monstruosamente deturpada, da opposição russa (1927), atribuída ao camarada Trotsky por um sórdido polifol do Rio de Janeiro; jogar, porém, Trotsky contra Lenine? E' uma preocupação muito particular, de facção, que só ao stalinismo interessa. Existem, pois, boas razões para desconfiarmos que, empurrando o rabo da "Dédalo", esteja o dedo poderoso das maquinacões burocráticas.

Ainda há mais. Os "lumpen-burocratas" do Brasil lamentam, pelas colunas d'"O Gráfico", que o camarada Trotsky procure agir judicialmente contra os falsificadores. Acham des que, como "a justiça da burguezia é uma justiça de classe", será preciso esperar que a I. C. deixe de enterrar a Revolução na Espanha, para então, depois que o proletariado tomar o poder, o camarada Trotsky ajustar as suas contas. De duas uma: ou os stalinistas têm modo que a "Dédalo" se sãa mal da aventura, e defendem, assim, os interesses de uma empresa capitalista contra os interesses da verdade, ou se baseiam em sua definição superficial da justiça burguezia e, lamentando as "ilusões" do camarada Trotsky, são forçados a confessar que essa mesma justiça é bem "de classe" quando decide contra ele e que, por conseguinte, á fazer obra contra-revolucionaria jogar Trotsky contra Lenine.

Do lado de todas as imbecilidades o sujeira que os stalinistas deram nas colunas do seu órgão sindical, existe ainda uma que merece certo capitulo. Alegam que Trotsky viajou "garantido pela policia burguezia". Ora, não nos conta que, nos países por onde passou Trotsky, existia uma outra policia capaz de aferocar certa garantia á vida dos cidadãos. Parece que o proletariado europeu ainda não tomou o poder, para que seja uma "policia proletaria" aquela a não permitir que se enfie uma faca, sem mais nem menos, na barriga de um cidadão que viaja. "Garantido pela policia burguezia"... E por quem estão garantidos, no estrangeiro, os representantes comerciais e diplomaticos da URSS?

Esses cratinos não percebem nada. Nada lhes ocorre. Poder-se-ia, ainda, perguntar-lhes: Quem é que "garante" a vida do embaixador fascista na URSS? Não é a policia proletaria? E o embaixador italiano deixa, por isso, de ser fascista? Outra pergunta: Quando Lenine, antes da Revolução de Outubro, viajava pela Inglaterra, pela França, pela Alemanha, pela Austria, pela Suíça, por quem andava "garantido"?

Pode haver quem pense que não é tanta a safadiza o maior profeta dos nossos burocratas brasileiros, mas a burrice. Separar, porém, estas duas coisas é o mesmo que querer separar a teoria da prática. Elas se completam. E, em desvairados momentos, os stalinistas, como os seus aliados, acham que há a mesma...

# Anarquismo e Stalinismo

Quando vemos a letra anarquista invadir o organismo do proletariado, destruindo-lhe os tecidos, não podemos deixar, nos dias que correm, de recordar um episódio da Conferência Operária, aqui realizada no primeiro semestre do ano passado. O espetáculo era quase comovedor: ocupando as cadeiras reservadas aos delegados sindicais, alinhavam-se, como que ligados por um fio, aquelas velhas carências doentias, com seus bigodes alegóricos à Bakunina, última reminiscência do anarquismo defunto. Havia, apenas entre esses respeitáveis anciões, quatro jovens representantes da oposição sindical revolucionária. Um deles, no curso de uma discussão, chamou a atenção dos circunstantes para o fato de que não se viam novas caras entre aquelas figuras tradicionais. Era bem sintomático esse índice material de decomposição da velha seita. Não havia senão resquícios do passado, notáveis apenas como uma variedade de rabugem cômica a irritar o traçado da classe operária. Assim eram os anarquistas de 1930-31. Com a morte destes velhos — rematou o orador — terão desaparecido os derradeiros vestígios da enfermidade anarquista.

Essas palavras não foram confirmadas. Os velhos tiveram filhos. A rabugem alastrou-se. O anarquismo voltou a exercer a sua influência perniciosa sobre o estado de saúde organizatória do proletariado de S. Paulo. Vêem-se hoje, sob a direção daquelas tristes múmias históricas, vários operários jovens, genuínos proletários que, entre outras circunstâncias, poderiam estar muito bem, à frente dos seus batalhões, dirigindo a ofensiva revolucionária de sua classe.

Os stalinistas podem vangloriar-se de ter feito ressuscitar um cadáver. "O anarquismo — ensina Lênine, numa das suas obras imortais — não é senão uma espécie de castigo imposto ao movimento operário pelos pecados oportunistas de sua vanguarda." Os acontecimentos de hoje permitem-nos bem uma paráfrase: "O apolitismo anarquista é uma espécie de castigo imposto ao movimento operário pela política criminosa da direção do Partido".

Ninguém deseja a morte quando a vida vai correndo bem. Se ainda hoje, no ano de 1932, quinze anos depois da Revolução russa, ainda existem operários que se deixam arrastar pelos anarquistas, manifestando um horror "sagrado", ultra-moral, pela política, isso só se explica pelo cepticismo inevitável como consequência de uma política fundamentalmente errônea, criminosa e oportunista.

"Os anarquistas — escreve Trotsky — negam a política enquanto esta não os segura pelos colarinhos: param, então, a fazer política burguesa." É o que se tem verificado entre nós. Mas a desgraça é que, ao fazerem o jogo da política burguesa, eles arrastam atrás de si o proletariado. E será necessária toda uma nova experiência para as jovens gerações, afim de ficar patentado, mais uma vez na história, que esse "apolitismo" formal tem um conteúdo marcadamente contra-revolucionário, não podendo deixar, por conseguinte, de ser "fundamentalmente político", se bem que no sentido da burguesia.

Tudo isso se dá exclusivamente nos "belos" excluídos que

a burocracia stalinista vem prestado a causa dos trabalhadores. O seu desprezo por tudo quanto escreveu Lênine sobre a fátia dos bucheviques é deveras contrastante na direção de um partido que deve dirigir, um dia, os destinos de todo um povo. Que poderão esperar os operários de dirigentes tão lamentáveis?

Façamos um ligeiro retrospecto da atividade stalinista nestes dois últimos anos. Só no terreno sindical, eis as principais consequências do seu trabalho:

a) em fins de 1930, abandonando o Comitê Operário de Organização Sindical, deixaram aos anarquistas o campo livre para a criação da Federação Operária;

b) em seguida, convocando uma "nova" conferência sindical, em nome de um falso "Comitê da C. G. T." (pseudônimo dos burocratas da redação do jornal miguilista "O Tempo"), incorreram no erro de fazer uma oposição puramente "formal", para efeito de publicidade, à Conferência Operária, permitindo que os anarquistas ficassem em maioria e conseguissem, dessa forma, uma base sólida para o seu trabalho futuro;

c) pouco depois, fundando a Federação Sindical Regional, "bem catita, bem novinha" (Lênine, sem nenhuma base sindical, contribuíram para reforçar a Federação anarquista, para espalhar a confusão, para desmoralizar as nossas fileiras, para dividir em dois as forças sindicais proletárias;

d) mais tarde, com suas intrigas, com suas manobras, com sua sabotagem ao trabalho comunista dentro da F. O. S. P., impediram que a oposição sindical levasse a bom termo o seu trabalho e consolidaram, por essa forma, a direção dos anarquistas.

f) contemporaneamente, quando a U. T. G. lutava, dentro da Federação, contra a direção anarquista, não tomaram posição no caso e, com a sua "mentalidade", permitiram que os anarquistas usassem de um golpe de força contra aquele sindicato;

g) com essa preparação criminosa dos acontecimentos, contribuíram para que a U. T. G. fosse obrigada a retirar-se da F. O. S. P., e conseguiram alcançar, assim, o seu objetivo de dividir o movimento sindical em "três";

h) mais recentemente, sabotando por todas as formas o Comitê de Concentração Sindical, a que se filiará, entre outras organizações, a União dos trabalhadores em fabricas de têxteis, conseguiram — pela mentira, pela intriga e pela calúnia — que estes últimos caíssem no cepticismo e — como consequência do trabalho dos sr's. stalinistas — filiassem o seu sindicato ao Ministério do Trabalho;

i) satisfeito o seu desejo de dividir em "quatro" o campo sindical proletário, passaram a empenhar de infantis os objetivos dos dirigentes do sindicato da indústria de alimentação, e, alcançado o seu objetivo de enfraquecer assim o Comitê de Concentração Sindical, desferiram novo golpe na unidade do proletariado, opondo-se deliberadamente a qualquer trabalho que visse efetivá-la;

j) finalmente, ao tempo que vão empregando esforços "heroicos" para despendar o Sindicato de alimentação e trans-

formar um novo "sueço" rufante e leal de burocracia stalinista, infregaram-se agora a uma nova desventura: a liquidação da U. T. G. Para isso, já possuem um jornal corporativo próprio, não para fazer uma oposição honesta, baseada numa crítica útil e construtiva, mas para horripilar sobre os militantes revolucionários a lama escupidamente fabricada por seu Sumo Pontífice.

Eis os serviços do stalinismo. Não é por acaso que o anarquismo germine e viceje sobre esse estêreo. Anarquismo e stalinismo, embora diversos na dualidade de sua estupidiz, vão enfiando juntos para o mesmo fim: a liquidação do movimento operário.

O anarquismo está para o stalinismo assim como o "apolitismo" do um está para a "política" do outro. Eis aí uma proporção matemática de um indubitável rigor político.

Em nome das massas populares em geral, lutamos pelos direitos e liberdades democráticas, preferido a democracia formal, embora burguesa, a qualquer forma de governo discricional, e toda espécie de tiradura aberta da classe inimiga, seja militar ou civil, bonapartista ou fascista.

Nesse sentido, queremos o sufrágio universal, secreto, direto, extensivo a todos os cidadãos.

a partir dos dezoto anos, inclusive os analfabetos, os soldados e os marinheiros, sem distinção de sexo ou nacionalidade. Queremos uma constituinte soberana, garantida pelo povo em armas, fora do alcance de qualquer ação compressorá ou corruptora do governo sobre ela, sem limitação prévia ou projetos de antemão feitos pelo governo para lhe serem impostos.

Em nome do proletariado, lutemos pela democracia proletária, repulindo qualquer intrusão direta ou indireta, disfarçada ou aberta, de elementos ou fatores estranhos à classe operária, a com mais razão ainda do Estado burguês na vida interna e na organização do proletariado. A nossa palavra de ordem central no momento deve ser — organização do proletariado em todos os terrenos, desde os interesses puramente corporativos aos políticos e culturais, sobre uma orientação intransigentemente de classe. Liberdade e autonomia sindical, legalização do Partido Comunista!

Reavivemos nas nossas conoluções, reinscrevamos com tinta nova nas nossas bandeiras o lema imortal de Marx: A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES TEM DE SER OBRA DOS PROPRIOS TRABALHADORES!

# Movimento Sindical Liquidacionismo

(CARTA DO RIO)

Não existe prova mais flagrante de encher liquidacionista da política dos stalinistas do que o desenvolvimento da influência dos "amarelos" no movimento sindical do país. Só mesmo a ausência do nosso Partido — esmagado pela nefasta centralização burocrática — poderia dar ensejo à arrogância com que os agentes patronais ligados ao Ministério do Trabalho se arvoram em "líderes do proletariado". Tipos que ainda hontem, por serem demasiado conhecidos como traidores inventores da classe operária, não ousavam nem sequer comparecer às reuniões, hoje se encontram à frente da maioria dos sindicatos, principalmente no Rio de Janeiro, onde é preponderante a influência dos "ministerialistas", esse fato assume particular gravidade, exigindo dos comunistas uma virada decisiva na política sindical do partido.

E essa virada é tanto mais necessária e urgente quanto é sabido que, sob a pressão das massas, os próprios "ministerialistas" já se manifestam favoráveis a uma reforma da lei de sindicalização. É evidente que uma tal reforma, feita sob a inspiração dessa gente, não teria outro objetivo do que atenuar um pouco o caráter fascitizante dessa lei e garantir, assim, a continuidade de sua hegemonia no movimento sindical.

De qualquer modo, porém, esse fato oferece excelente oportunidade, não só para que o nosso partido possa ligar-se às massas através dos sindicatos — e é este o meio principal da sua ligação com as massas — como ainda para afastar delas a influência corruptora dos elementos patronais.

Essa tentativa de reforma da lei de sindicalização já foi uma

primeira vitória parcial da nossa campanha contra ela. Nesse sentido, devemos, pois, redobrar de energia na campanha pela revogação da lei de sindicalização.

Os comunistas não admitem que os sindicatos sejam tutelados pelo Estado. Eles exigem, por isso, que sejam garantidas a autonomia e a liberdade sindicais! A legalização dos sindicatos não precisa de nenhuma lei especial, pois deve ser regulada segundo os dispositivos do próprio Código Civil, que trata da existência e legalização das associações de caráter civil. É o que já acontece com os sindicatos existentes já antes da lei de sindicalização.

Para que a política sindical de nosso partido se reajuste nesse sentido, é preciso não só que se reavive a atividade de seus núcleos sindicais como ainda se acabe de uma vez por todas com o regime de seita que vem caracterizando a vida do partido nestes últimos tempos.

Se não for restabelecida a democracia em suas fileiras; se não houver liberdade de crítica; se todos aqueles que divergem da direção ou põem em dúvida a sua infalibilidade são chingados de "social-fascistas", "contra-revolucionários", "traidores", etc. — é claro que nada se fará para melhorar a vida do partido. Continuará a preponderar, como até aqui, a mesma política criminosa de liquidação. Os comunistas opositores ou dissidentes continuarão a ser expulsos do partido pelo "crime" de pretender discutir as diretrizes do alto, e o partido será cada vez mais aniquilado, esmagado, suplantado pela burocracia toda-poderosa.

O caso recente da expulsão de Casini, pelo fato de se opor à política sindical preconizada pela direção, constitui mais uma ilustração do que afirmamos. Não queremos com isso nos declarar solidários com a posição desse camarada; a nossa atitude a nossa linha divergem radical e absolutamente da linha diretista que conciente ou inconscientemente ele representa. A sua sorte de revolucionário está em jogo desde que, irradiado do partido comunista, não tem para guio-lhe os princípios e a linha revolucionária marxista da Oposição Internacional de Esquerda. Dito isto, voltamos ao caso concreto. Depois de ter por muito tempo aplicado momentaneamente, como um bom burocrata, a política de aventuras e "bluffs" do stalinismo, mas sentindo que desse modo o partido ia cada vez mais se isolando das massas, esse militante, acompanhado de operários da base, tentou reagir. O resultado foi o que todos sabem: a expulsão com a pécha de "social-fascista" e outros qualificativos pelo estilo...

Para evidenciar melhor ainda como é nefasta e contraditória essa política da burocracia stalinista, basta refletir sobre o seguinte fato: a U. T. G. do Rio de Janeiro aprovou, em uma de suas últimas reuniões de representantes, varias medidas preconizadas por nós. Oposição da Esquerda, contra a reação política que pesa sobre o movimento operário. Uma dentre essas medidas consiste na formação de uma poderosa frente única de todos os sindicatos contra esse perigo. Em face de uma proposta como essa, que valia por si só como um desmentido categorico a todas as calunias assacadas contra nós pelos stalinistas, — eles não tinham outra coisa a fazer senão apóla-la. E o que é mais interessante porque revela claramente a contradição da política burocrática, está no seguinte: ao se encaminhar a discussão da proposta da U. T. G. no sindicato dos metalúrgicos, não só Casini e os operários a ele ligados como ainda os próprios operários da fração dirigente do partido acentuaram a importância do referido documento, lutando homem a homem contra os "ministerialistas" e outros amarelos camuflados. Esse fato veio provar à evidência como é ridícula e indigna a acusação de contra-revolucionários, "social-fascistas", traidores com que os stalinistas pretendem desmoralizar aqueles que não se submetem cegamente à sua direção.

Essa unanimidade de pronunciamiento dos operários comunistas de varias tendencias em torno dos princípios fundamentais do seu partido, defendido pela Oposição Internacional de Esquerda, se vem, por um lado, mostrar a necessidade que há de unificar-se as fileiras comunistas, por outro lado, constitui uma prova segura de que, pelo menos, é necessário encaminhar-se um trabalho comum de todos os que lutam pelo comunismo nos sindicatos. Por isso, é preciso a elaboração em comum de um plano de ação no terreno sindical; quer dizer, a realização da política de frente única, e só ela poderá impedir a influencia corruptora da burocracia, através de seus agentes "amarelos".

E a melhor prova disso, nós a temos na própria assembleia dos metalúrgicos a que vimos de nos referir. Apesar da unanimidade dos comunistas de todas as tendencias que ali se encontravam, os "ministerialistas" conseguiram impedir que a assembleia aprovasse a proposta da U. T. G. Querá dizer isso que a proposta é contrária ao



sentimento da maioria dos operários presentes? Absolutamente não! Foi unicamente a falta de inércia a vencer por parte dos oradores comunistas, a discussão prolongada em torno do assunto, que provocou o descontentamento da assembleia, do seu ganho de espaço aos agentes do patronato. Os comunistas não se entendem diante do inimigo comum, porque representantes oficiais deles o impedem com a sua atitude de seita. Se o regime dominante no partido comunista oficial fosse o que dominava nele no tempo de Lenine, isto é, quando reinava o mais sadio centralismo democrático e em que as divergências surgidas em torno das idéias e dos problemas que se apresentavam ao partido co-

mo em todo eram respeitadas e liquidadas lealmente por uma discussão franca e aberta — facilmente essas não aconteciam.

Eis porque esses fatos merecem ser meditados sóriamente por todos os comunistas e o partido precisa tirar as lições dessa experiência. E na base dessas experiências que se educam os quadros comunistas e o partido reajusta a sua linha política. Será que a burocracia stalinista já dominou o nosso partido a tal ponto que imponha de sobreviver à política de liquidação com que ela pretende estabelecer?

Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1933.

viam os elementos corrompidos brigar os patrões a lhes pagar férias, e lhes abrir as portas das fabricas, a não despedi-los, a aumentar-lhes os salarios, dar-lhe tudo, enfim. E assim conseguia o homem o seu intento.

Os operários, todavia, compostos em maioria de moças inexperientes e de menores, foram para a assembleia do seu sindicato votar contra a vontade de seus proprios dirigentes, que são militantes experientistas e conciliantes, "pela" sindicalização. Assim, em vez de arrastar a massa operaria consagraram foi justamente o contrario: a massa deles se afastou e foi se entregar á demagogia do tenentismo e do governo burguês.

O resultado dessa politica criminosa de aventuras e "bluffs" foi este de empurrar para dentro do Ministerio da tapiçação a maior força e a maior corporação operaria de S. Paulo, e que, com a U. T. G. e os garçons, se encontrava fora da influencia dos anarquistas. E agora, nem Comité de Concentração Sindical, nem F. R. S. P. Mas, Ministerio do Trabalho! A quem a culpa? A quem o sindicalizador poderia o-

mo faz a possibilidade da edição da sociedade socialista NUM SO PAIZ. ZOLADAMNTE, sem necessidade do auxilio revolucionario do proletariado de outras rejiões. A utopia e o caracter reacionario af estão visíveis, pois admite-se, não só a possibilidade de uma economia sovietica russa, "isolada", "independente do resto do mundo", como finitude da ditadura do proletariado, isto é, a sociedade "sem classe". O pacto em apreço estipula, não só a "não agressão", como a "conciliação" entre um e outro Estado. Como evitar a agressão da União Sovietica á França, na hipótese de que o proletariado francez venha a ter uma situação de tomada do poder, situação em que o Estado Burguez da França reagirá violentamente contra este ato revolucionario? Evitar, fugir a esta agressão, numa situação "positivamente" revolucionaria, é negar toda a politica bolchevista e renegar a teoria da luta de classes. Não é possível, como marxista, que a I. C. aprove um pacto de "não agressão" entre dois Estados antagonicos, inconciliáveis. Numa tal situação, fugir á invazão é confirmar, por fatos, a teoria que encerra a "conciliação" entre as classes burgueza e proletaria. Temos certeza de não estarmos em erro, pois comosmos estão Marx e Lenine, que já mais traíram o socialismo e já mais foram pacifistas. Só o arrastamento do pacto de "não agressão e conciliação" entre o Estado Proletario e o Estado Burguez, bastaria para provar a justiça da linha politica da Op. o desvio criminoso em que entrou a I. C. manietada por uma burocracia capitulacionista.

Mas não é só. O art. 2.º estipula que se uma das altas partes contratantes for objeto de agressão por uma ou mais terceiros potencias, a outra parte se compromete a não prestar auxilio ou assistencia ao agressor ou agressores. Analizemos, sob o ponto de vista marxista, a safadeza contida neste artigo. Nós, comunistas, somos internacionalistas, sem sermos pacifistas. Como tal temos que considerar o advento do proletariado como uma fatalidade historica, sem podermos afirmar ca-

teoricamente em que paz sera vitoriosa a revolução social antes dos outros. Entretanto, tudo leva a crer que a chave da situação internacional está na Alemanha. Não é, pois, das coisas mais difíceis a vitória da revolução proletaria nesta rejião. Uma vez o proletariado alemão no poder, o Estado Burguez da França agredirá o Estado Proletario Alemão. "Se a situação o exigir", o proprio proletariado alemão invadirá o territorio francez, afim de auxiliar os comunistas desta rejião a tomarem o poder. Assim sendo, perguntamos, o Exército Vermelho, que não é russo, que é o exercito do proletariado revolucionario, poderá cruzar os braços? mesmo que se torne indispensavel ao seu auxilio? Se o fizer, terá traído o marxismo-leninismo.

E, monstruozamente, mas não é só. Vejamos se que se refere o art. 62, segundo o telegrama:

"O governo de Moscou assume o compromisso de abster-se de toda ação direta ou indireta, suocetiva de favorecer qualquer agitação ou propaganda tendente á transformação do regime politico e social dos territorios francezes, das colonias, dos proteotorados ou sob mandato, que sejam bem os camaradas do Partido a ameixa a que a burocracia stalinista assinou em o-

# A lição dos Tecelões e o Aventurismo

O que acaba de se passar com a União dos Operarios em Fabricas de Tecidos deve servir-nos de lição. É de maior importancia, não só para a politica sindical do Partido Comunista, como para todo o proletariado revolucionario do Brasil.

Para nós, Oposição de Esquerda, isso não foi mais do que uma triste confirmação do que viamos afirmando a esse respeito. Os camaradas do Partido vêm agora que, quando denunciávamos a politica sindical como uma politica de aventuras e "bluffs", não é por espirito sistemático de oposição. Pelo contrario, o que nos move é uma intenção fraternal, embora rude de cooperar na medida das nossas forças para que a linha do Partido seja reajustada, capaz de arrastar as massas no caminho da luta de classes, de organizá-las forte, revolucionariamente.

O caminho que vem trilhando a Federação Sindical Regional, desde o dia em que apareceu, tem sido o caminho do aventurismo e da irresponsabilidade. É a ela que cabe a culpa, numa triste parceria com os anarcoides da Federação Operaria, do estado atual de divisionismo sindical em que se encontra a classe operaria de S. Paulo. Foram os elementos da Regional os responsáveis pelo fato de ter a sarna anarquista reaparecido, contagiando uma parte organizada do proletariado.

Foram esses elementos que, já "depois" da Federação Operaria organizada, abrangendo a totalidade dos sindicatos reconhecidos aqui existentes, resolveram criar, pelas colunas do jornal burguez miguelista "O Tempo", uma nova federação, sob o patulo de Federação Sindical Regional de S. Paulo. Foram eles que fugiram da politica verdadeiramente leninista que mandou que os comunistas antes de todas as organizações, seja da que tendencia ou cor, até mesmo policiais (Zubalov & Cia.), etc., contando que tenham massas operarias dentro delas, para af fazer o trabalho obscuro, paciente, sem espalhafato e que não pode dar utilidade a que não pode dar utilidade, mas que é profundamente revolucionario — de educar essas massas ainda atrasadas, cheias de preconceitos reacionarios, mostrando com fatos e não com palavras, honitas, a justiça da nossa linha, afim de arrastá-las para o campo revolucionario da luta de classe.

Nesse sentido, os stalinistas recusaram-se a fazer frente uni-

ca comosco, opositoristas de esquerda, bolcheviques-leninistas, no ano atrasado, por ocasião da conferencia sindical promovida pela Federação Operaria. A nossa carta ao Partido, propondo uma ação comum com um programa concreto para dentro da conferencia lutarmos contra a influencia anarquista, nem resposta mereceu. Defendemos, então, sosinhos a politica sindical comunista, de acordo com as resoluções traçadas pelos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista. Si o Partido tivesse aceito a nossa proposta, a sua situação sindical seria hoje completamente outra: os anarquistas seriam voados á vala comum, o movimento operario não estaria dividido em três ou quatro pedaços isolados e impotentes, mas poderosamente centralizado num unico organismo federativo, sob a influencia ideologica do comunismo.

Finalmente, foram eles ainda que, numa verdadeira frente unica com os anarquistas, sabotaram a unica proposta honesta, leninista, de frente unica, capaz de tirar os organismos sindicais existentes do isolamento em que jazem: o Comité de Concentração Sindical. Quando este Comité já estava em plena organização, constituído pelo operariado dos sindicatos mais influentes, pelo numero e pela tradição, de S. Paulo, isto é, da U. T. G., da U. O. F. T., da U. B. E. H. S. e outros, entraram esses elementos aventureiros a exercer á sua influencia desagregadora.

Em parte conseguiram o seu intento, mas com resultados sorprendentes até mesmo para eles. Os garçons desautoraram o seu proprio delegado. Os tecelões se afastaram do Comité de Concentração Sindical, e os elementos aventureiros da Regional entregaram-se sem poias ao seu aventurismo. Sem o menor exame da situação, sem medir as probabilidades, ou não de sucesso, começaram a manufaturar em seu proposito, movimentos de graves parcelais, procurando politizá-los á força. Em muitos casos, os proprios patrões tomavam imediatamente a deliberação de fechar as portas da empresa, no evidente intuito de ameaçar infamemente os operarios com o desemprego, e com a fome, demagogia do representante do Ministerio do Trabalho. O cunho imoral do patronato com o Ministerio do Trabalho era evidente. Só não o

## O pacto de não agressão e o Estado Proletario

o... mábere hi 6...; xzqxã

A O. I. E., por todas as suas seções, vem fazendo uma campanha sistemática perante o proletariado mundial, contra a politica reformista e menchevista do "socialismo num só paiz", ou seja o nacional socialismo. Teoria utópica e reacionaria, oportunista e liquidacionista, o "socialismo num só paiz" vem, há muito, arrastando a I. C. para o terreno do colaboracionismo de classes, atitando, permanentemente, contra os ensinamentos de Marx e Engels e a metodologia revolucionaria de Lenine.

A burocracia, que deturpa a todo instante a politica revolucionaria da I. C., tapa os ouvidos ás advertencias dos verdadeiros bolcheviques e expulsa aventureiramente das fileiras comunistas os operarios conscientes ou esmagados e centralismo democrático, obrigando os mais tímidos a acompanhá-la no recuo da escaada da traição, cujos degraus deca lentamente, á pretexão de uma falsa disciplina.

Ainda agora, por telegramas transmitidos pelas agencias burguezas como pela propria agencia sovietica "Tass", verifica-se que o "Estado Proletario" da União Sovietica assinou um acordo com o Estado "Burguez" da França. Se se tratasse de um acordo (ou compromisso) entre o Estado Proletario e um Estado Burguez, favoravel ao primeiro, a O. I. E. nada objetaria, mas trata-se, como vamos ver, de um desses pactos indignos do partido fundado por Lenine.

Segundo os telegramas, foi assinado um "pacto de não agressão e conciliação" entre a França e os Sovietes. Ora, os antagonismos das classes são inconciliáveis; e segundo os fundamentos do socialismo científico, o Estado é sempre "o poder politico organizado, de uma classe para o opressão da outra". Va-se, pois, que toda a teoria da luta de classe foi posta abaixo. A I. C., que deve ser marxista, pôde admitir um pacto de "NÃO AGRESSÃO" entre um ESTADO PROLETARIO e um ESTADO BURGUEZ? Dentro da teoria reacionaria do "nacional socialismo" a "NÃO AGRESSÃO" entre o ESTADO BURGUEZ e o ESTADO BURGUEZ pôde existir, pois que esta teoria tem co-

mo faz a possibilidade da edição da sociedade socialista NUM SO PAIZ. ZOLADAMNTE, sem necessidade do auxilio revolucionario do proletariado de outras rejiões. A utopia e o caracter reacionario af estão visíveis, pois admite-se, não só a possibilidade de uma economia sovietica russa, "isolada", "independente do resto do mundo", como finitude da ditadura do proletariado, isto é, a sociedade "sem classe". O pacto em apreço estipula, não só a "não agressão", como a "conciliação" entre um e outro Estado. Como evitar a agressão da União Sovietica á França, na hipótese de que o proletariado francez venha a ter uma situação de tomada do poder, situação em que o Estado Burguez da França reagirá violentamente contra este ato revolucionario? Evitar, fugir a esta agressão, numa situação "positivamente" revolucionaria, é negar toda a politica bolchevista e renegar a teoria da luta de classes. Não é possível, como marxista, que a I. C. aprove um pacto de "não agressão" entre dois Estados antagonicos, inconciliáveis. Numa tal situação, fugir á invazão é confirmar, por fatos, a teoria que encerra a "conciliação" entre as classes burgueza e proletaria. Temos certeza de não estarmos em erro, pois comosmos estão Marx e Lenine, que já mais traíram o socialismo e já mais foram pacifistas. Só o arrastamento do pacto de "não agressão e conciliação" entre o Estado Proletario e o Estado Burguez, bastaria para provar a justiça da linha politica da Op. o desvio criminoso em que entrou a I. C. manietada por uma burocracia capitulacionista.

Mas não é só. O art. 2.º estipula que se uma das altas partes contratantes for objeto de agressão por uma ou mais terceiros potencias, a outra parte se compromete a não prestar auxilio ou assistencia ao agressor ou agressores. Analizemos, sob o ponto de vista marxista, a safadeza contida neste artigo. Nós, comunistas, somos internacionalistas, sem sermos pacifistas. Como tal temos que considerar o advento do proletariado como uma fatalidade historica, sem podermos afirmar ca-

teoricamente em que paz sera vitoriosa a revolução social antes dos outros. Entretanto, tudo leva a crer que a chave da situação internacional está na Alemanha. Não é, pois, das coisas mais difíceis a vitória da revolução proletaria nesta rejião. Uma vez o proletariado alemão no poder, o Estado Burguez da França agredirá o Estado Proletario Alemão. "Se a situação o exigir", o proprio proletariado alemão invadirá o territorio francez, afim de auxiliar os comunistas desta rejião a tomarem o poder. Assim sendo, perguntamos, o Exército Vermelho, que não é russo, que é o exercito do proletariado revolucionario, poderá cruzar os braços? mesmo que se torne indispensavel ao seu auxilio? Se o fizer, terá traído o marxismo-leninismo.

E, monstruozamente, mas não é só. Vejamos se que se refere o art. 62, segundo o telegrama:

"O governo de Moscou assume o compromisso de abster-se de toda ação direta ou indireta, suocetiva de favorecer qualquer agitação ou propaganda tendente á transformação do regime politico e social dos territorios francezes, das colonias, dos proteotorados ou sob mandato, que sejam bem os camaradas do Partido a ameixa a que a burocracia stalinista assinou em o-

A I. C. já não existe praticamente (há 4 annos, que não se reúne o seu congresso, — e agora difficilmente se reunirá). Diante disto, perguntamos: Os burocratas que enviaram ordens ás seções nacionais do Partido lançarão a palavra de ordem de dissolução da seção franceza, ou deixá-la lá existir, entregue a uma camarilha de funcionarios que tapeia e desvirtua o leninismo, enerra a revolução, capitulando diante da burguezia, lambendo-lhe acadeladamente os pés? Exageramos? Absolutamente. Não diz o pacto monstruozamente que a União Sovietica não é permitida qualquer agitação ou propaganda (diréta ou indireta) em territorio francez? E não é, uma monstruosidade assinada por um Estado fundado pelo leninismo? Que autoridade terá, então, o partido francez para denunciar a obra infame e sangrenta dos imperialistas da França nas colonias?

Antes de terminarmos, analisemos a "conciliação" e "não agressão" entre um ESTADO BURGUEZ e um ESTADO PROLETARIO em face da concepção marxista-leninista do ESTADO e da LUTA DE CLASSES.

Vejamos o que se lê á pagina 7, d' "O Estado e a Revolução", de Lenine:

"Rezumindo a sua analize historica, Engels diz:

"O Estado não é, de forma alguma, uma força imposta do exterior, á Sociedade". O Estado, tambem não é "a realidade de uma idea moral", uma imagem ou produto da razão, como o afirma Hegel. O Estado é um produto da Sociedade num certo grau de desenvolvimento; o Estado é uma maneira de conservar que essa sociedade se embargou numa insolúvel contradição interna, se "dividiu" em opozições inconciliáveis, de que se sente impotente para desembrasar-se. Ora, para que essas opozições, essas classes divididas por interesses economicos contrarios, não se doverem umas ás outras numa luta estéril, sentiu-se a necessidade de uma força vivível dominando a Sociedade, duma força suocetiva de atenuar as colizões, de as manter nos limites da "ordem". Essa força, nascida da sociedade mas superior a ela e que dela se atufa cada vez mais é o "Estado".

(Continúa no proximo numero)